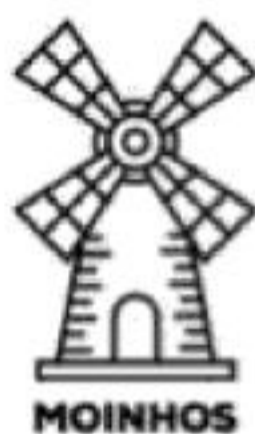


Kramp

MARIA JOSÉ FERRADA

Tradução de

Silvia Massimini Felix



Sumário

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

[XXIII](#)

XXIV

XXV

XXVI

XXVII

XXVIII

XXIX

XXX

XXXI

XXXII

XXXIII

XXXIV

XXXV

XXXVI

XXXVII

XXXVIII

XXXIX

XL

XLI

Créditos

I

D começou sua carreira vendendo artigos para serralheria: pregos, serrotes, martelos, maçanetas e olhos mágicos para portas, da marca Kramp.

Quando saiu pela primeira vez com sua maleta da pensão em que vivia, não se atreveu a entrar na principal loja de ferragens da cidade, que na época era bem pequena, até ter passado diante dela trinta e oito vezes.

Essa primeira tentativa de venda coincidiu com o dia em que o homem pisou na Lua. Os vizinhos se reuniram para ver a alunissagem num projetor que o prefeito instalou na sacada do seu gabinete e que reproduziu a imagem num lençol branco. Como não havia áudio, de fundo tocava a banda dos bombeiros.

No momento em que D viu Neil Armstrong dar o primeiro passo na Lua, pensou que, com determinação e o traje adequado, tudo era possível.

Assim, no dia seguinte, quando completou o passo número trinta e nove, entrou na loja de ferragens, com os sapatos mais

lustrosos que jamais se vira na história da cidade, para oferecer ao gerente os produtos Kramp. Pregos, serrotes, martelos, maçanetas e olhos mágicos para portas. Não vendeu nada, mas lhe disseram que voltasse na semana seguinte.

D foi tomar um café e anotou num guardanapo: toda vida tem sua alunissagem.

Quando, mais tarde, D contou ao seu pai que o homem tinha chegado à Lua, este lhe disse que isso era uma farsa tremenda, que Deus havia criado o homem com os pés na terra e sem asas, e que tudo o mais eram mentiras do presidente dos Estados Unidos.

De qualquer modo, na semana seguinte, D deu um passo em nome da sua própria humanidade: vendeu meia dúzia de serrotes e doze olhos mágicos. Ao sair da loja de ferragens com seu pedido dentro da maleta, sentiu que toda felicidade, grande ou pequena, merecia ser projetada na praça de uma cidade.

II

Durante as semanas seguintes, D levou até o Registro de Viajantes três fotografias e quatro escudos. Quinze dias depois, seu carnê estava pronto, nº 13709.

Com o carnê no bolso e as economias provenientes da comissão de vendas de 2356 serrotes, 10567 pregos, 3456 martelos e 1534 olhos mágicos, comprou um carrinho R4 da Renault. De posse dele, começou a percorrer os vilarejos vizinhos seguindo os conselhos de um velho vendedor. Na verdade, D recebeu um conselho e uma afirmação.

O conselho:

— Ao chegar a um vilarejo, a primeira coisa que você tem de fazer é procurar a cafeteria central e o hotel onde se hospedam os outros caixeiros-viajantes. Quase sempre ficam no mesmo quarteirão da praça e do bar.

(Ali D se encontraria com aqueles que, dali em diante, seriam uma espécie de família flutuante. Uma família sem parentesco e, por isso mesmo, mais suportável que qualquer outra.

O vendedor de plásticos chineses.

O vendedor de lapiseiras Parker.

O vendedor de colônia inglesa.

E todos os demais.)

A afirmação:

— Todos os vilarejos são iguais: uns malditos povoados de merda.

É sua natureza, e contra a natureza das coisas não há nada que se possa fazer.

III

Pouco a pouco, D começou a construir sua própria epistemologia. E a primeira coisa que fez foi separar os fatos da vida humana em dois grupos: os prováveis e os improváveis.

Era provável que naquela semana visitasse dezessete clientes. Era provável que dez deles comprassem algo. E era provável que chovesse, pois era inverno.

Era improvável, e isso D repetia se olhando no espelho, que uma casa construída 80% com produtos Kramp viesse abaixo se houvesse um terremoto ou um tornado.

E era improvável que, por causa de uma greve de ônibus, uma mulher estivesse pedindo carona para chegar à universidade, bem na esquina pela qual passaria o carro de D.

Foi justamente isso que aconteceu em 13 de novembro de 1973.

D achou que era a mulher mais bela do mundo. E a mulher, que fazia um tempo que já não ria, achou que D era falador e divertido.

Um ano mais tarde, em 13 de novembro de 1974, os dois se

casaram.

Ao sair do cartório, D pediu à mulher que o esperasse um segundo e foi arranjar um guardanapo onde anotou o que acabara de acontecer (seu casamento), numa subcategoria da classificação das coisas que batizou como “fatos realmente improváveis” (“todos aqueles fenômenos que nos fazem pensar na existência de algum tipo de deus”).

IV

D e a bela mulher construíram uma casa com produtos Kramp e, tempos depois, tiveram uma filha à qual chamaram M. Eu sou M.

Pouco a pouco, meus pais elaboraram um plano de aprendizagem que me permitiu conhecer as coisas que um menino – uma menina, neste caso – necessitava para viver no mundo.

Assim, comecei com uma precoce classificação das coisas.

No primeiro ano de vida soube, por exemplo, que há algo que se chama dia, algo que se chama noite e que tudo que acontece numa vida cabe dentro de uma dessas duas categorias.

No segundo ano, aprendi a olhar pela janela. Meus pais me disseram que ao longo da vida eu ganharia e perderia muitas coisas. Eu não devia me preocupar: o mundo sempre continuaria existindo lá fora.

No terceiro ano, soube da existência das pessoas. Também usaram a janela para me explicar que as pessoas são classificadas em pessoas de verão e pessoas de inverno. Continuo sem entender

o que isso quer dizer.

No quarto ano de vida, saí do pátio da minha casa e vi os pirilampos. Decidi que aquela seria uma recordação própria e inclassificável. Os pirilampos que não paravam de brilhar.

V

Aos sete anos (era um dia de primavera, sei disso porque minha mente tinge com insistência essa recordação de luz amarela), escutei pela primeira vez a história da alunissagem e sua moral: com os sapatos bem lustrados e o traje adequado, tudo é possível. E, acho que para me prevenir sobre a natureza da vida, D acrescentou que também era necessário ter um pouco de sorte.

Nessa mesma tarde limpei meus sapatos de verniz com uma escovinha, coloquei um vestido verde combinando com meias verdes e decidi que seria a ajudante de D.

Saí para o pátio, acendi um cigarro e aspirei lentamente. Eu o havia roubado do maço de D, que à noite acabava dormindo com o cigarro aceso na frente da tevê.

VI

Eu tinha herdado de D uma capacidade fora do comum para a insistência. Assim, uma semana mais tarde entramos no carro – que agora ostentava em ambas as portas um logotipo dos produtos Kramp – e partimos para um vilarejo vizinho.

Quando chegamos e estacionamos na praça, D me deu algumas instruções:

1. Que eu sorrisse.
2. Que se eu me aborrecesse poderia ir dar uma volta, sem sair do quarteirão.
3. Que eu agradecesse se os funcionários da loja me dessem um chocolate ou o que fosse.

E me prometeu que, se vendêssemos ou recebêssemos a venda do mês anterior, no final da tarde iríamos à cafeteria.

Visitamos três lojas que vendiam produtos Kramp e também chocolates, brinquedos, botões, revistas, colônias e panos de prato.

*image
not
available*

*image
not
available*

irresponsável com ela.

*image
not
available*

acrescentara.

Todo o resto

Como o velho vendedor tinha falado, a cafeteria e o bar (este último lugar eu não visitava) eram o centro do universo em torno do qual girava o planeta das vendas. Ninguém se punha de acordo prévio para ir a essas reuniões. Só se sabia que em certa hora do dia ali estariam todos, odiando sua sorte maldita.

As cafeterias eram um sol particular e, se alguém tivesse olhado por baixo da mesa, teria visto muitos sapatos pretos exageradamente engraxados, maletas e um par de sapatos brancos que pendiam da cadeira: os meus.

Eu gostava de aspirar a fumaça dos seus cigarros. Ver os vendedores pedirem um café atrás do outro.

Escutar suas mentiras, uma atrás da outra.

A história de C

C tinha matado uma mulher de enfarto ao lhe enviar um lote de um milhão de agulhas. Naquele povoado só viviam mil pessoas; portanto, ao ver o caminhão estacionar diante da sua loja e começar a descarregar a mercadoria, a mulher simplesmente deixou de respirar.

Acontece que os pedidos nunca eram exatos. Eles se multiplicavam.

*image
not
available*

XI

À família dos caixeiros-viajantes às vezes se unia um segundo tipo de parentes: os que estavam em busca de viagens grátis.

Dentro desse grupo, havia os de dois tipos: idealistas que acreditavam na colaboração, e pães-duros dispostos a falar durante todo o trajeto, a fim de economizar o dinheiro que a passagem teria custado.

Nunca consegui classificar E em nenhum dos tipos, então decidi posicioná-lo no meio.

Ele era o encarregado de projetar os filmes do cinema universitário.

Além de projetá-los, ele os conseguia e também abria e fechava o cinema. Sua quinta tarefa consistia em cobrar uma entrada que a maioria não pagava. Dava no mesmo, pois o que importava para E não era o dinheiro (o negócio não era dele), mas que alguém visse o filme para poder comentá-lo.

E foi graças a *2001: uma odisseia no espaço* que D e E se

*image
not
available*

esse alguém me segurava.

E eu não falava, só olhava com intensidade para o gerente.

Em algum teatro de outra vida eu tinha aprendido diferentes tipos de olhar: o olhar indiferente, o olhar doce com um tom melancólico, o olhar de aborrecimento e desesperança. O último recurso era o olhar à beira das lágrimas. E esse era o mais intenso de todos. Se o gerente se detinha nas minhas pupilas, em vez de se encontrar comigo, encontrava-se com todas as possíveis formas da fragilidade: a fome no mundo; as esculturas de gelo que, depois de tanto esforço, terminavam se desmanchando em água; a cachorra Laika que dava voltas, voltas e mais voltas numa noite infinita. Tudo tinha ido viver dentro desses círculos escuros e minúsculos. Pois esta era a natureza da vida: ser escura e minúscula. Você sabe disso, D sabe, eu com meus sete pequenos anos também sei, e você, o que você faz, insulta-o por um excesso de pregos e porcas. Termine de uma vez, termine com essa bobagem, termine com tudo isso.

Eu pensava, mas não dizia nada porque tinha consciência de que qualquer palavra podia romper o efeito dramático e essa tensão que em poucos meses eu tinha aprendido a manejar.

Íamos e vínhamos pelas estradas. E quando já estávamos nisso há quase um ano – mais ou menos a metade do que minha carreira duraria –, pedi a D uma comissão de acordo com meu talento. Era justo, levando-se em consideração que eu me esforçava todo dia, seja praticando em frente ao espelho ou treinando com minhas

*image
not
available*

XIII

Uma semana depois de vermos *2001: uma odisseia no espaço*, D passou novamente pelo cinema.

E disse a E:

— Esse povoado ao qual você quer ir não está na categoria dos territórios conquistados nem na dos territórios a conquistar, mas posso te levar lá amanhã.

— O que você quer dizer?

— Que lá não tem loja de ferragens.

— E então?

— Não precisa se preocupar. Vou buzinar amanhã às dez em ponto.

Embora na verdade, pensando em retrospecto, era D quem devia ficar preocupado. Mas, como não ficou, às dez em ponto passou para pegar E e o deixou na praça da cidade fantasma, à qual o levaria muitas vezes durante os meses seguintes.

*image
not
available*

mais complexo – pedágios.

Porque existia um circuito de hotéis e restaurantes dispostos a falsificar notas fiscais, mas conseguir que um sistema de concessão de rodovias estivesse a nosso favor simplesmente estava fora de cogitação.

O que fazíamos, se quiséssemos justificar uma viagem que não tínhamos feito, era simples: da próxima vez que passávamos pelo pedágio, estacionávamos o carro na beira da estrada e procurávamos os comprovantes que outras pessoas, que viajavam sem ter de comprovar gastos, jogavam pela janela.

O procedimento era realizado de maneira cuidadosa. Não podiam passar mais de um ou dois dias entre o pedágio que se queria justificar e o dia que efetivamente você passava para pegá-lo, pois os comprovantes de pagamento ou haviam saído voando pela estrada ou estavam em mau estado, por causa do sol do verão ou da chuva de inverno.

Também não convinha se aproximar muito da estrada. Esses papéis só eram achados na beira, do contrário você corria o risco de que um carro passasse por cima de você. Se isso acontecesse, realmente teria sido impossível explicar à minha mãe o que eu fazia, num dia de escola, caçando papéis na beira da estrada. Ela era uma mãe ausente, mas também não podíamos abusar.

Com certeza ela não teria entendido nem o negócio da permuta nem o sistema paralelo de educação porque, como dizia D, minha mãe era uma pessoa sensata e, quando não, era o mais próximo que

*image
not
available*

— Quem sabe da próxima...

— Vamos ver, acho que encontrei um, olhe aqui: clic.

A fotografia que E tirou de mim, e me entregou na viagem seguinte, é uma das poucas recordações que guardo dessa época. Estou no banco de trás do Renault, sorrindo e abrindo os olhos exageradamente.

Uma foto em branco e preto, com toda a gama de cinzas que cabe entre ambos.

*image
not
available*

— Se o povoado fosse muito muito muito pequeno, ficariam contando a história de R para sempre.

D disse “é provável”, e meio quilômetro depois acrescentou que a física ainda não encontrara uma explicação para esse fenômeno em particular, pois tampouco havia encontrado a explicação para a existência desse tipo de povoado.

À relação entre tempo e espaço se somaram a teoria da evolução das espécies, a expansão do universo e inclusive algumas noções básicas de física e teologia.

Minha compreensão do mundo se expandia como uma esponja, à qual se somava tudo que eu ia escutando nos balcões das lojas de ferragens, nas cafeterias, nos hotéis.

Quando, anos mais tarde, eu narrava aos meus amigos essas lembranças, tentava deixar claro que D não havia sido inconsequente – assim o chamava minha avó: “o inconsequente” –, mas um pioneiro da pedagogia sistêmica.

*image
not
available*

A caravana brotava da sopa e se movia por cima da mesa, tentando se comunicar com o lado de cá. Mas não conseguiam. Pobrezinhos!

Quando, ao sair do transe, comentei minha estranha visão, minha mãe começou a chorar e E disse que já era hora de ir embora.

D, que não encontrou no catálogo dos produtos Kramp nenhuma possível associação para entender o que estava acontecendo, disse a E que não havia problema, mas que por favor lhe deixasse o projetor.

Minha mãe se enfiou o resto da tarde no quarto, e D e eu ficamos na copa.

— Se a gente consertar o projetor, que filme vamos ver? — perguntei.

— Um de piratas.

— Legal — disse, simulando um entusiasmo exagerado e abraçando D, um gesto inusitado de carinho, ao qual nem ele nem eu estávamos acostumados.

Às epifanias, como eu comprovaria ao longo dos anos seguintes, seguia-se quase sempre uma revelação, e naquele dia eu tinha compreendido:

Que D estava sozinho.